

O INDIVÍDUO, A EXISTÊNCIA E A TEORIA SOCIAL: uma entrevista com Frédéric Vandenberghe¹

INDIVIDUALISM AND EXISTENTIALISM IN SOCIOLOGICAL THEORY An Interview with Frédéric Vandenberghe

Rodrigo Vieira de Assis*

Frédéric Vandenberghe é hoje um dos grandes nomes da teoria social no Brasil. Rodou o mundo e chegou ao país em 2003. Nasceu na Bélgica, onde iniciou sua formação em ciências sociais e políticas (RU Gent, 1988), e migrou para a França ainda jovem para dar continuidade a sua formação acadêmica, realizando seu mestrado (1989) e doutorado (1994) na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). A sua tese *Une histoire critique de la sociologie allemande* (1997-98, 2 vols.) foi traduzida para o inglês, turco e português. Lecionou sociologia em inúmeras universidades, nomeadamente na University of California (EUA), Manchester University (UK), European University Institute (Itália), Brunel University London (UK) e Université Catholique de Louvain-la-Neuve (Bélgica). No Brasil colaborou com a Universidade de Brasília (UnB), com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com o antigo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e com o Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP/UERJ). Mora no Rio de Janeiro desde 2005. Atualmente é professor e pesquisador do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ) e coordena o Núcleo de Pesquisa Sociofilo: (co)laboratório de teoria social. Publicou (entre outros) *As sociologias de Georg Simmel* (2018); *Teoria social realista* (2010); *Pós-humanismo ou a lógica cultural do neocapitalismo global* (2017); e, com Jean-François Véran, *Para além do habitus: teoria social pós-bourdiesiana* (2017). O leitor interessado poderá encontrar os seus textos e baixá-los no seu site pessoal: <http://frederic.vdb.brainwaves.be/>

Frédéric Vandenberghe is today one of the great names of the social theory in Brazil. He has been all over the world and arrived in the country in 2003. He was born in Belgium, where he started his academic formation in political and social sciences (RU Gent, 1988). Still young, he migrated to France to continue his studies, achieving both his master's degree (1989) and doctorate (1994) at the Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS). His thesis *Une histoire critique de la sociologie allemande* (1997-98, 2 vols.) was translated to English, Turkish and Portuguese. Frédéric lectured sociology at innumerable universities, namely at University of California (USA), Manchester University (UK), European University Institute (Italy), Brunel University London (UK) and Université Catholique de Louvain-la-Neuve (Belgium). In Brazil, he collaborated with the Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), the former Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) and the Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP/UERJ). Frédéric Vandenberghe lives in Rio de Janeiro since 2005. He currently is a professor and researcher of the Instituto de Filosofia e Ciências Sociais of the Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ). He coordinates the Núcleo de Pesquisa Sociofilo. Frédéric published (among others) *As sociologias de Georg Simmel* (2018); *Teoria Social Realista* (2010); *Pós-humanismo ou a lógica cultural do neocapitalismo global* (2017); and, with Jean-François Véran, *Para além do habitus: teoria social pós-bourdiesiana* (2017). The interested reader may find his texts and download them at his personal website: <http://frederic.vdb.brainwaves.be/>

¹ Entrevista de Frédéric Vandenberghe a Rodrigo Vieira de Assis, realizada durante o 42º Encontro Anual da Anpocs, em 23 de outubro de 2018, Caxambu-MG, Brasil.

* Doutorando e mestre em Sociologia, Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ) / Brasil. Professor Substituto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) / Brasil. Autor do livro *Para uma sociologia das visões de mundo: cultura, pensamento e práticas sociais* (Editora Appris, no prelo). É membro do Sociofilo: (co)laboratório de teoria social. E-mail: rvassis@outlook.com

Rodrigo Vieira de Assis: *Fred, obrigado por aceitar o convite para a realização desta entrevista, que será publicada no dossiê Sociologias em Escala Individual, da Revista de Ciências Sociais, Política e Trabalho, ligada ao PPGS/UFPB. A primeira questão que faço a você tem um caráter mais pessoal e trata do modo como você entrou em contato com as ciências sociais, mais particularmente com a sociologia. Então, como foi o seu encontro com a sociologia e como, na sua trajetória, você passou a pesquisar sistematicamente as teorias social e sociológica? Você tem o tempo que precisar para desenvolver as suas respostas.*

Frédéric Vandenberghe: Primeiramente, obrigado, Rodrigo, pois é bom poder dar uma entrevista neste momento para esquecer um pouco o inferno da conjuntura ou, talvez melhor, da “disjuntura” brasileira, especialmente porque este formato de diálogo nos tranquiliza. Este será um momento muito agradável para nós. Essa pergunta mais biográfica me projeta de volta para a Bélgica, para o momento em que eu estava fazendo a graduação de sociologia. No início, não sabia bem o que era a sociologia. Acho que escolhi “*pol. & soc.*”² por causa de uma confusão entre sociologia e socialismo [risos] e de suas associações com a contracultura. Foi isso que me atraiu. A minha formação lá na Universidade de Gent foi feita em um pequeno departamento no qual a sociologia era positivista – com sua lógica das variáveis dependentes e independentes – e eu não gostava disso. O meu interesse na teoria social surgiu realmente como um *antipositivismo* fundamental e visceral. Lembro-me até hoje de uma aula de estatística, de metodologia quantitativa. Estava lendo, naquele momento, com o livro em baixo da mesa durante a aula, o Peter Berger, a sua perspectiva humanista sobre a sociologia, e isso me marcou até hoje³. Na sociologia positivista, os indivíduos eram simplesmente bonecas determinadas pelas variáveis. Lendo Peter Berger, de repente as bonecas começaram a pular as cordas e a dançar. Essa imagem foi muito importante pra mim. Talvez já era um pouco de sociologia existencial precoce que estava lá e por isso o Peter Berger é importante na minha formação. Além do mais, tinha que fazer uma monografia e o que me interessava era a teoria. Eu decidi, assim, trabalhar a relação entre o *me* e o *I* em George Herbert Mead. O professor que ia me orientar na época, que era um positivista linha dura disse: “Que interessante! Você quer trabalhar o tema da alienação”. Ele mesmo tinha feito pesquisas empíricas, quantitativas, sobre o tema da alienação. Ele não tinha noção, porém, do quanto que a pesquisa dele era, na verdade, alienada [risos]. Assim, comecei a ler o jovem Marx dos Manuscritos parisienses de 1844, os manuscritos econômico-filosóficos, e a me dedicar ao estudo da alienação. Na época, eu estava namorando uma mulher na Eslovênia e conheci o Grupo Praxis, que era um forte movimento naquele momento que se inspirava em Erich Fromm e Herbert Marcuse. A Iugoslávia ainda era socialista e todo o Grupo

2 Referência abreviada à *Politieke en Sociale Wetenschappen*, título da graduação realizada na *Gent Universiteit*, Bélgica. Em tradução livre: Ciências Sociais e Políticas.

3 Cf. BERGER, Peter. **Perspectivas Sociológicas:** uma Visão Humanística. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972. Veja também o obtuário **Debaixo do Dossel Sagrado:** Peter Berger (1929-2017), escrito por Vandenberghe e publicado no Blog do Sociofilo. Disponível em: < <https://goo.gl/kUef2w> > Acesso em: 05 jan. 2019.

Praxis era uma tentativa de voltar aos textos do jovem Marx para criticar o socialismo. Eu li tudo da revista *Praxis*, inclusive, naquela época, já estava lendo Slavoj Žižek, o gigante de Ljubljana. Então, penso que essa combinação da fenomenologia e o interesse também no marxismo mais humanista e mais existencial foi o que marcou o meu encontro com a sociologia.

Rodrigo Vieira de Assis: *No seu mestrado, então, você já estava trabalhando com teoria crítica?*

Frédéric Vandenberghe: Eu sabia que queria continuar com os estudos e, vindo da província, não sabia bem o que fazer. Havia tentado ir pra Amsterdã durante a graduação, mas tinha dois problemas: um era o alojamento, que era impossível; outro era que lá já estavam trabalhando com computadores e eu não sabia datilografar. Isso me fez ficar na Bélgica. Mas, para o mestrado, por simples acaso, fui parar na *École des Haute Études* (EHESS), na França. Um amigo tinha um primo que fazia um doutorado com Castoriadis e ele me falou sobre o lugar. Na época, eu tinha um projeto para trabalhar a questão do relativismo cognitivo. Esses lugares são bem imponentes, impressionantes etc. O meu orientador tinha um sobrenome consagrado, Ladrière, que gerava uma confusão de identidade, o que me levou a achar que iria fazer o mestrado com o Jean Ladrière quando, na verdade, era com seu irmão, menos conhecido, Paul Ladrière (risos).

Rodrigo Vieira de Assis: *O Paul Ladrière?*

Frédéric Vandenberghe: Isso. Paul Ladrière era o meu orientador e Jean Ladrière era um filósofo bem importante, bem interessante, próximo de Paul Ricoeur. Meu orientador era um apóstolo habermasiano. O relativismo cognitivo que figurava em meu projeto não era do seu interesse. Naquele momento, estava lendo e descobrindo os *Social Studies of Science* (STS), em continuação com meu interesse na sociologia do conhecimento de Karl Mannheim. Estava lendo as Investigações Filosóficas de Wittgenstein e também os trabalhos de Peter Winch. Depois de algumas semanas, entretanto, o meu orientador começou a me cobrar. Ele queria saber quando ia entregar o meu texto e sugeria que eu mudasse de tema. Pensei o que ia fazer e decidi assim continuar com o tema da alienação, da *Entfremdung*. Desde então, ele “parou” de me orientar (risos). Mas, sim, graças a ele, descobri a teoria crítica e a Escola de Frankfurt. Eu já sabia mais ou menos como avançar na discussão sobre a alienação e a reificação porque era a temática no jovem Marx. Compreendia que entre Lukács e o Jovem Marx tinha que passar por Simmel e por Weber. Meu mestrado era exatamente isso. Uma primeira leitura bem elementar de Simmel e de Weber para chegar ao Lukács. Depois, na tese, ampliei o escopo e me lancei numa leitura das obras completas de Marx, Simmel, Weber e os autores principais da Escola de Frankfurt. Na tese, não explorei as obras completas de Lukács, mas apenas os seus escritos até 1923, ou seja, eu não li a *Ontologia do Ser Social* – até hoje não li. E depois, bom, passei um bom tempo lendo a Escola de Frankfurt, estudando Horkheimer, Adorno – que é muito, muito difícil, então precisei

ler muito –, Marcuse e Habermas, que na verdade virou, como dizer (?), virou a luz no fim do meu túnel. Na minha formação, nunca tinha tido um mentor e o Habermas é, para mim, até hoje, o fundamento do meu pensamento.

Rodrigo Vieira de Assis: *Você se encontrou diretamente com Habermas quando estava no momento da tese já próximo de escrever sobre ele próprio. Como foi essa experiência?*

Frédéric Vandenberghe: Eu estava escrevendo, fazendo o doutorado e pra simplificar eu vou dizer que fui fazer um “sanduíche” na Alemanha – usando uma noção bem brasileira, que eu não sabia que existia. Eu tinha passado um pouco mais de seis meses em Cambridge com Anthony Giddens e depois passei também um pouco menos de um ano em Frankfurt com Habermas. Com Giddens, a influência é muito mais textual. Ele já tinha saído da fase mais interessante da teoria da estruturação e estava se dedicando aos textos sobre a modernidade tardia e a identidade. Eu havia lido todos os textos dele sobre a teoria social, mas o contato com o Giddens era estranho... Eu me dava muito bem com os amigos mais próximos dele, então tinha muito contato. Porém, em duas ou três vezes que almoçamos juntos, ele não queria falar sobre teoria, mas sobre futebol (risos). O Habermas era exatamente o oposto. Em 1992, quando ele publicou o grande livro sobre os fatos e as normas⁴, que também foi o ano em que Honneth publicou a *Luta por reconhecimento*,⁵ em seu seminário de pós-graduação, tinham apenas filósofos e todos estavam trabalhando a filosofia do direito. Habermas estava muito feliz em poder encontrar ali um sociólogo. Para mim, foi uma experiência diariamente incomum. Como eu estava muito tímido, era ele quem iniciava o contato e fazia uma aproximação. Lembro que as primeiras vezes foram simplesmente um “bom dia”, “boa noite”. Isso continuou, mas especialmente o fato de que ele se sentia muito à vontade para falar sobre a teoria social, a sociologia e muito mais, demonstrava que acessá-lo era muito fácil. O meu alemão era suficiente para ter uma conversa elementar, mas me lembro de que isso não era um problema. Isso tudo foi incrível. Realmente, a teoria da ação comunicativa estava aplicada no encontro com o outro mesmo. Foi uma experiência muito forte, muito significativa para mim.

Rodrigo Vieira de Assis: *Além do Giddens e do Habermas, você também esteve próximo de outros grandes nomes da teoria social, como Jeffrey Alexander. Além disso, você tem muita proximidade com Bernard Lahire e Margaret Archer, que são referências quando pensamos na sociologia à escala individual. É possível dizer com isso que você participou de algumas das importantes*

4 HABERMAS, Jürgen. **Faktizität und Geltung:** Beiträge zur Diskurstheorie des Rechts und des demokratischen Rechtsstaats. Frankfurt: Suhrkamp, 1992. Traduzido para português e publicado em dois volumes: HABERMAS, Jürgen. **Direito e Democracia:** entre Facticidade e Validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. v. 1, HABERMAS, Jürgen. **Direito e Democracia:** entre Facticidade e Validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. v. 2

5 HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento:** a Gramática Moral dos Conflitos Sociais. São Paulo: Editora 34, 2009.

convergências e divergências que ecoam e predefinem os contornos da sociologia contemporânea. Como foram estabelecidas as relações com essas referências e que implicações tiveram sobre o seu modo de pensar a sociologia?

Frédéric Vandenberghe: Uma primeira distinção é que estudei com Giddens, Habermas e Alexander, o que significa que com eles tenho uma relação de aluno e mestre. Estou numa cadeia que interconecta estrelas de alto astral, como diria Randall Collins⁶. Eu estava muito impressionado com a obra *Theoretical Logic in Sociology* de Jeffrey Alexander⁷ e fui, no fim da minha tese, para Los Angeles porque na época ele ainda era professor na UCLA, e posso dizer que a minha tese sobre a reificação foi uma aplicação do esquema metateórico dele. A visão dele era que a teoria social precisava ser plural - ele dizia “multidimensional” - e que tudo depende, na teoria, do conceito de ação. Eu mostrava que o problema com todas as teorias da reificação é que, na verdade, elas não eram plurais e tinham uma tendência em reduzir a ação a sua dimensão instrumental e estratégica. A teoria da escolha racional já estava embutida nessas teorias. O Jeffrey foi, portanto, uma influência muito importante que, aliás, fez o posfácio da minha tese quando foi publicada em 1997. Em troca, com 20 anos de atraso, acabei de escrever um texto sobre sua sociologia cultural para a revista *Sociologia e Antropologia*⁸. Lahire e Archer nunca foram meus professores, são meus amigos e os conheço desde muito tempo e, nesse sentido, a relação é diferente. Não é uma relação de mestre e de aluno, é uma relação entre iguais, com muito afeto, muita amizade e confiança.

Rodrigo Vieira de Assis: *Essa proximidade com Lahire e com Archer, com quem você tem uma relação mais horizontal, foi uma das motivações que o levou a refletir sobre o indivíduo nas teorias social e sociológica?*

Frédéric Vandenberghe: Essa é uma questão interessante. A questão do indivíduo já me interessava na época. Certamente, pela grande influência de Giddens, me interessava pela microssociologia e pela teoria da ação. Quando estava em Los Angeles, segui os cursos de Garfinkel e, como disse no início, George Herbert Mead foi muito importante em minha formação. Assim, a teoria da ação e a microssociologia eram muito importantes para mim desde o início. Giddens estava trabalhando

6 COLLINS, Randall. **The Sociology of Philosophies**. A Global Theory of Intellectual Change. Cambrigd, MA, and London: Harvard University Press, 1998.

7 Refere-se aos quatro volumes: ALEXANDER, Jeffrey. **Theoretical Logic in Sociology**. Positivism, Presuppositions, and Current Controversies. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1982. v. 1, ALEXANDER, Jeffrey. **Theoretical Logic in Sociology**. The Antinomies of Classical Thought: Marx and Durkheim. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1982. v. 2, ALEXANDER, Jeffrey. **Theoretical Logic in Sociology**. The Classical Attempt at Theoretical Synthesis: Max Weber. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1983. v. 3, ALEXANDER, Jeffrey. **Theoretical Logic in Sociology**. The Modern Reconstruction of Classical Thought: Talcott Parsons. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1984. v. 4.

8 VANDENBERGHE, F. Jeffrey Alexander, a Statesman of Social Theory and Cultural Sociology. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, [v. 10?], n. 1, 2019. No prelo.

nessa época sobre a questão da identidade reflexiva, mas não sei se a motivação vem dessa discussão... Talvez Peter Berger, com sua sensibilidade mais existencialista, tenha me influenciado mais nesse quesito. Em todo caso, penso que as raízes são muito mais pessoais, no sentido da experiência de sair primeiro da Bélgica para Paris, trabalhando a questão da alienação. Eu tinha excluído as ressonâncias existencialistas do conceito de alienação, mas senti a alienação na pele. Isso era muito, muito forte. As questões de mal-estar na França e o deslocamento tantas vezes saindo da Bélgica para Paris, saindo de Paris para Cambridge, de Cambridge para Frankfurt e Los Angeles. Muitos deslocamentos e sempre na margem de uma instituição: alienação. Depois ocorreu o encontro com o Brasil... Acho que tem uma carga existencial forte quando lido com a questão do indivíduo. O encontro com Archer e com Lahire veio depois. Eu acompanhava a Archer porque, como a relação com Giddens passou pelos livros e não pela pessoa, e como estava trabalhando sobre a reificação, encontrei em Archer o realismo crítico, isso já nos anos 90. Depois de 2003, quando ela começou a teorizar o papel da reflexividade, das conversas internas, já estava inteirado dessa temática. O livro *Structure, Agency and the Internal Conversation* foi muito importante para mim⁹. O encontro com Lahire provavelmente foi alguns anos depois, 2007 ou 2008. Com Lahire, compartilho o interesse pelo gigante Pierre Bourdieu. Bourdieu é uma influência muito importante, mas não era uma relação pessoal. Durante dois anos, assisti a seu curso sobre o Estado, ministrado no Collège de France, o que me motivou realmente a realizar um trabalho muito intenso sobre sua obra. Sempre lia Bourdieu a partir da teoria crítica alemã, pensando-o como o grande sociólogo da teoria crítica, embora somente depois esses encontros entre a tradição alemã e a sociologia crítica de Bourdieu tenham sido realizados via Boltanski e Honneth. Contudo, para mim, essa leitura de Bourdieu foi levada a cabo desde o início.

Rodrigo Vieira de Assis: *Inclusive, lembro-me de uma fala sua em outra ocasião em que propunha uma aproximação entre Bourdieu e Adorno.*

Frédéric Vandenberghe: Exatamente. Essa foi a minha leitura. O Adorno era, antes de tudo, um filósofo, e a sua sociologia não era boa. Era ensaística e, como diria hoje, hipercrítica. Bourdieu, por sua vez, realmente tinha um programa de uma sociologia teórica, crítica e empírica. Interessei-me por ele desde o início de minha formação. Terminei a minha monografia com uma referência na última página a Bourdieu, só que não sabia exatamente como citá-lo e acabei escrevendo o seu nome de maneira errada, BourdieuX com “x” no final [risos]. Porém, as *Questões de sociologia* foi um livro que tinha lido na graduação e que tinha me impactado muito fortemente¹⁰.

9 ARCHER, M. *Structure, Agency and the Internal Conversation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. Para uma resenha minuciosa do livro, ver: VANDENBERGHE, F. Você sabe com quem está falando quando fala consigo mesmo?. In: **Teoria Social Realista: um Diálogo Fraco-Britânico**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2010, p. 257-271.

10 BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

Rodrigo Vieira de Assis: *Bernard Lahire tem um vínculo muito forte com o trabalho de Bourdieu e, sem dúvida, foi significativamente influenciado pela teoria da prática formulada pelo autor de A distinção¹¹. Como sabemos, em Bourdieu, o habitus é o habitus de classe enquanto que em Lahire temos uma abordagem à escala individual, pensando o operador prático bourdieusiano como um patrimônio de disposições plurais. O que você pensa da leitura que Lahire faz de Bourdieu?*

Frédéric Vandenberghe: Lahire é, ao mesmo tempo, o adepto mais fiel a Bourdieu e o seu crítico mais feroz. Se Löic Wacquant é o intérprete oficial ortodoxo, Lahire é o mais heterodoxo, mas sem dúvida também o mais fiel. Quando li o livro *O homem plural*¹², que considero uma obra exemplar, foi muito impactante e, quando soube que o autor viria ao Brasil, eu o encontrei. Tivemos um primeiro contato forte e intenso e, desde então, com suas múltiplas visitas ao Brasil, nossa relação se transformou numa bela amizade. Acho o trabalho dele fenomenal. Como ele, eu tento desenvolver uma sociologia pós-bourdieusiana. As coisas que algumas vezes me irritam em Bourdieu, encontro em Lahire também, especialmente o sociologismo, o determinismo e diria até um imperialismo disciplinar que até admiro, mas que não me interessa mais... Por exemplo, quando vejo como ele vai do homem plural para a sociologia disposicionalista, vai dos retratos sociológicos para um estudo integral de Kafka e agora chega com dois volumes sobre a sociologia dos sonhos – o segundo vai sair em breve¹³ - eu vejo um imperialismo que quer levar o seu modelo e a sociologia para todos os lugares, enquanto que a minha tendência seria mais a de explorar os limites da sociologia pra poder pensar a existência. Neste sentido, acho que tenho, concomitantemente, encontros e desencontros com a teoria sociológica de Bernard Lahire. Felizmente, isso não me impede de continuar a praticar uma antropologia da admiração em relação ao trabalho dele.

Rodrigo Vieira de Assis: *Como você compreende o lugar do indivíduo na história da sociologia? Eu sei que essa é uma pergunta muito ampla, mas é correto afirmar que o indivíduo – e você mencionou algumas vezes aqui a dimensão existencial –, em seus aspectos mais existenciais e singulares, somente mais recentemente foi efetivamente alçado ao estatuto de objeto sociológico?*

Frédéric Vandenberghe: Não. Essa afirmação me parece um pouco truncada, porque, quando vamos olhar para o individualismo e a história do indivíduo, encontramos referências desde o século XVIII que antecedem a sociologia. Tocqueville, por exemplo, nota no capítulo dois do segundo volume de *A Democracia na América*¹⁴, que o conceito de individualismo data de 1826.

11 BOURDIEU, Pierre. **A Distinção** – Crítica Social do Julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

12 LAHIRE, Bernard. **O Homem Plural: os Determinantes da Ação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

13 LAHIRE, Bernard. **L'interprétation Sociologique des Rêves**. Paris: La Découverte, 2018.

14 TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América: sentimentos e opiniões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. v. 2

Eu não sei se Tocqueville deve ser lido como um clássico da sociologia, mas o individualismo e a tematização do indivíduo já estavam lá. Em Durkheim, no texto fantástico que é *O Individualismo e os Intelectuais*¹⁵, temos essa mesma tematização numa chave mais universalista com uma defesa contundente dos direitos humanos num contexto de polarização social. Nos textos de Georg Simmel, especialmente aqueles sobre os tipos de individualismos¹⁶, tem como sempre com ele ideias muito interessantes. Assim, ele vai dizer que a individualidade e o individualismo não datam da modernidade, que é nossa visão mais ou menos estereotipada, uma vez que ele identifica e discute o individualismo do Renascimento, depois o individualismo universalista e abstrato do século XVIII, que é tipicamente francês, e depois trata do individualismo do século XIX, que é o individualismo da diferença. O que é fascinante é que quando ele fala do individualismo da diferença - e há nesse ponto uma forte influência de Nietzsche -, antes da Primeira Guerra Mundial, já estava introduzindo um tipo de indivíduo pós-moderno. Refiro-me à ideia do indivíduo pós-moderno, digamos, de Giddens, Beck e Bauman, aquele que é plural, reflexivo, líquido etc., que foi formulado por esses autores nos finais de 1980 e início dos anos 1990. Quando eu estive em Cambridge com Giddens, era exatamente isso o que ele tematizava em *Modernity and Self-Identity*¹⁷. Essas antecipações nos levam à questão seguinte: quem é o “primeiro” indivíduo? Adão ou Eva? Num livro que adoro, *Dos rostos*¹⁸, que está sendo traduzido e que será publicado pela Editora Vozes em breve, David Le Breton mostra que o primeiro rosto que a gente vê, mas não enxergamos bem, é o rosto de Deus. Não o vemos bem porque ele está nas nuvens. Quando você segue essa história, depois percebe que a questão do individualismo precisa ser retrabalhada. Por exemplo, quem lê Foucault, especialmente quem lê Foucault a partir dos trabalhos de Pierre Hadot¹⁹, vai descobrir que no estoicismo, no epicurismo, no pensamento anterior grego e romano, tem um primeiro individualismo. Essa história do indivíduo que emerge só com a modernidade - acrescento para os Marxistas: com o capitalismo - é uma história que temos que contar para os alunos do primeiro ano, mas que não tem nenhum cabimento e que me parece completamente falsa. É uma ídola da nossa tribo que diz muito sobre nós, mas pouco sobre o individualismo.

Rodrigo Vieira de Assis: *Você falou da sociologia do indivíduo na França e me parece que naquele contexto legitima-se a versão de que o indivíduo representa uma emergência mais recente, tanto como consequência da modernidade quanto como objeto construído por meio de inovações*

15 DURKHEIM, Émile. **O Individualismo e os Intelectuais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

16 SIMMEL, G. **Questões Fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. Caps. 2 e 3.

17 GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

18 LE BRETON, David: **Des Visages**. Paris: Metailié, 1992. Sobre o tema citado pelo entrevistado, a Revista *Política e Trabalho* publicou no número 47, o artigo **Antropologia da face: alguns fragmentos de David Le Breton**. Disponível em: < <https://goo.gl/hpkFas> > Acesso em: 15 jan. 2019.

19 HADOT, Pierre. **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga**. São Paulo: É Realizações, 2014.

metodológicas na sociologia. No seu texto, “Os pós-bourdiesianos: retratos de uma família disfuncional”, no livro Além do habitus²⁰, você afirma que “como resultado dos processos gêmeos de globalização e individualização, a imagem ‘durksoniana’ de uma sociedade bem integrada, com indivíduos apropriadamente socializados, não é mais plausível”. Indo mais além, você informa que “os principais avanços teóricos na sociologia de hoje não vêm mais da macrosociologia, mas da teoria da ação”. Partindo dessa compreensão, quais são os principais avanços da teoria social e da teoria sociológica hoje no que se refere às dimensões individuais?

Frédéric Vandenberghe: Sabe, já que vamos voltar para a França, essa questão do individualismo reflexivo, pós-moderno, ou melhor, da modernidade tardia, que afirmei anteriormente, pode servir como um ponto de partida, embora isso já estivesse presente, de algum modo, em Peter Berger. Com Giddens, o Giddens *light* dos anos 90, antes do *ultra light* dos anos 2000, a temática do indivíduo já estava sendo trabalhada. Ulrich Beck é também outro autor que foi muito importante em minha formação. Infelizmente, eu o descobri tarde demais pra rearticular, ou melhor, desarticular a minha tese sobre a reificação e a alienação. Os seus livros sobre a sociedade do risco foram fundamentais para sair dessa visão da reprodução e da dominação que encontramos na tradição crítica, de Adorno e Horkheimer até Bourdieu²¹. Confesso que quando vi essa temática giddensiana e beckiana do indivíduo reflexivo na modernidade tardia chegar à França, quando François de Singly, François Dubet, Danilo Martuccelli a introduziram no debate, pensei: “Antes tarde do que nunca. Está chegando, mas com dez ou quinze anos de atraso”. Dito isto, há um livro de Dubet que foi muito importante para mim, que não era sobre o indivíduo, mas sobre o trabalho das sociedades ou o fim da sociedade²². Essa temática acerca dos limites da sociologia e do fim da sociedade está neste texto que realmente me impactou positivamente e, por sorte ou por acaso, quando estava lendo esse livro, o nosso amigo Marcos Aurélio Lacerda estava também pensando sobre o fim da sociedade e os limites da sociologia²³. Foi um encontro muito forte entre nós dois porque estávamos ambos refletindo sobre os limites da sociologia - limites indicados por George Simmel quando ele diz, no seu excurso “Como a sociedade é possível?”²⁴, que no indivíduo temos duas partes: de um lado, o social, o papel, o

20 VANDENBERGHE, Frédéric. Os Pós-bourdiesianos: Retrato de uma Família Disfuncional. In: VANDENBERGHE, F.; VÉRAN, J-F. **Além do Habitus**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. p. 27-38.

21 Esse argumento é extensamente desenvolvido em VANDENBERGHE, Frédéric. Globalização e Individualização na Modernidade Tardia. Uma Introdução Teórica à Sociologia da Juventude. **Mediações**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 292-343, jan./jun. 2014. Disponível em: < <https://goo.gl/hT6wWh> > Acesso em: 25 fev. 2019.

22 DUBET, François. **Le Travail des Sociétés**. Paris: Seuil, 2009.

23 LACERDA, Marcos Aurélio. **O Discurso Sociológico da Modernidade**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: < <https://goo.gl/DnTH3T> > Acesso em: 25 fev. 2019.

24 SIMMEL, Georg. Excurso sobre o Problema: Como é Possível a Sociedade? **Sociologia e Antropologia**, Londrina, v.3, n. 6, p. 653-672, nov. 2013. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752013v3614> > Acesso em: 26 fev. 2019.

ator, mas do outro lado, temos também uma outra parte não-social que escapa disso. Também recomendei para Marcos a leitura de Dubet e Martuccelli porque ele já tinha encontrado o trabalho de Alain Touraine. Eu mesmo, na época em que estava fazendo a minha tese, fiz durante vários anos os seminários de Touraine. O que ele chamava de Sujeito (com S maiúsculo), que depois vai se transformar na sociologia de Martuccelli, nessa sociologia do indivíduo ou da singularidade, era uma temática comum. Aliás, Danilo Martuccelli era meu colega na EHESS. Então, essa questão de uma teoria da ação e da interação, como disse que conhecia a partir de Giddens e do Habermas, também estava marcada desde o início pela teoria da ação touraineana. Essa ideia sobre a produção da sociedade, sobre a produção reflexiva da sociedade pelos movimentos sociais, foi muito importante para mim. De fato, uma teoria da ação tem que ser ao mesmo tempo microsociológica e macrosociológica e tem que incluir uma capacidade que os atores têm de transformar a sociedade e a si mesmos. Eu me lembro de que um dia estava conversando com Alain Touraine. Ele confirmou que este accionalismo, este voluntarismo de sua teoria veio de uma influência bastante forte da fenomenologia sartriana sobre sua obra. Ele estava lá sentado na sua sala, com as pernas em cima da mesa, e quando mencionamos Sartre, Habermas e Ricoeur, ele disse: “ah, finalmente, porque essa sociologia da dominação e a teoria crítica, ninguém mais aguenta. Antes tarde do que nunca, estamos redescobrimo a subjetividade, a individualidade, a singularidade”. A sociologia francesa descobriu Giddens e Beck com dez ou quinze anos de atraso. Depois a sociologia francesa do indivíduo se tornou uma pequena indústria acadêmica e neste momento quem pensa melhor a questão do indivíduo ou da individualização etc. são os franceses.

Rodrigo Vieira de Assis: *É interessante isso porque o indivíduo na sociologia francesa mais recente e, nela, mais particularmente na sociologia do indivíduo em suas várias vertentes – você citou Singly, Martuccelli e Dubet, mas temos também Jean-Claude Kaufmann, Dominique Memmi, Alain Ehrenberg, além do próprio Lahire –, percebem-se maneiras muito distintas de trabalhar a questão do indivíduo. Considerando um contexto de produção sociológica plural como este, em que há diferentes “escolas” de pensamento coexistindo – lembro-me das próprias variações existentes de teorias disposicionalistas, mas também de teorias pragmatistas nas últimas décadas –, de que maneira podemos sistematizar os modos como as dimensões individuais têm sido levadas em consideração no tratamento sociológico da realidade?*

Frédéric Vandenberghe: Na época quando eu estava fazendo a minha tese na França, tinham três, na verdade, quatro escolas organizadas em torno de um grande nome, em torno de um “chef”. Tinha Pierre Bourdieu, Alain Touraine, Raymond Boudon e Michel Crozier. Eles controlavam o pensamento, as vagas, as revistas etc. Claro, para mim, intelectualmente, Bourdieu era hiperimportante por causa da conexão com a teoria crítica. Touraine também era importante. Fiz todos os seminários com ele durante anos. Não gostava de Boudon. Era *rational choice*,

disfarçado como individualismo metodológico. Fiz também um curso com ele. De toda evidência, a teoria bourdieusiana é mais forte, mais contundente, mais internacional. Às vezes, refiro-me a Bourdieu como o *hegemon* da teoria social contemporânea. Hoje em dia, a escola bourdieusiana ainda controla o aparato, mas perdeu a hegemonia intelectual. Essa passou para a sociologia pragmática francesa (Boltanski e Thévenot, mas também Heinich, Lemieux, Chateauraynaud, Dodier e outros). Nesse sentido, a sociologia dominante é, de fato, pós-bourdieusiana.

Rodrigo Vieira de Assis: *Acerca do pragmatismo, é possível identificar alguma contribuição para a reflexão sobre o indivíduo?*

Frédéric Vandenberghe: Não, isso é uma coisa que o pragmatismo francês não trabalha. Já que estamos fazendo uma retrospectiva, que você pergunta também sobre mim e sobre o que fazia, eu também estive no seminário de Boltanski quando ele, durante um ano, estava trabalhando nos materiais que foram utilizados no livro *Les Économies de la Grandeur*, que é a primeira versão *De la Justification*²⁵. Na época, não entendia muito bem do que se tratava. Achava que era uma mescla de etnometodologia e a *Frame Analysis* de Goffman. Boltanski não era muito didático, nem muito pedagógico. Quando o livro finalmente saiu, retrospectivamente ou retroativamente entendi tudo o que ele tinha tentado dizer no seminário. No modelo pragmatista, existe um situacionismo metodológico que é muito forte, no qual os indivíduos não têm história, não têm subjetividade, não têm identidades, são as situações e qualquer pessoa que entra na situação que interessam. O situacionismo é um microdurkheimianismo: é uma teoria da sociedade em que a sociedade é vista pelas situações que nela ocorrem. Os indivíduos que entram na situação, qualquer pessoa, um “fulano qualquer”, tem a sua individualidade, a sua subjetividade sistematicamente apagada. Boltanski e Thévenot construíram explicitamente o seu modelo das *Cités* como contramodelo a Bourdieu. Você não tem campo, não tem *habitus* e, portanto, tampouco tem a história e a subjetividade moldadas pelo campo, expressa no *habitus*. O que você tem nas situações são as práticas, enquanto que a subjetividade é excluída da análise.

Rodrigo Vieira de Assis: *Lahire afirma com base em Durkheim que “toda sociologia é uma psicologia, mas uma psicologia sui generis”. Inicialmente, ele chamava o seu projeto teórico-metodológico de uma sociologia psicológica. Depois, passa a denominar de uma sociologia em escala individual. Nesse sentido, me parece que ele passa a enfatizar mais sua proposta pelo modo como se trabalha, isto é, por sua dimensão metodológica, do que pelo objeto em si sobre o qual se debruça.*

Frédéric Vandenberghe: Absolutamente. Sim.

25 BOLTANSKI, Luc.; THÉVENOT, Laurent. **De la Justification:** les Économies de la Grandeur. Paris: Gallimard, 1991. Tradução em português no prelo.

Rodrigo Vieira de Assis: *Neste sentido, considerando os mais recentes desenvolvimentos teóricos, especialmente aqueles que tomam a agência humana, a subjetividade, as variações intraindividuais e a reflexividade, é possível ainda definir limites para sociologia? Afinal, o que marca o domínio propriamente sociológico no atual estado da nossa disciplina?*

Frédéric Vandenberghe: Essa frase “toda sociologia é uma psicologia, mas uma psicologia *sui generis*” também tinha notado. Quando se reconstruem as linhas e as filiações intelectuais como eu faço, você encontra novas velhas ideias. Ex- e anti-bourdieuianos, como Lahire ou Nathalie Heinich, retornam para Norbert Elias para tentar fazer algo que não podem fazer com Bourdieu, ou melhor, que fazem com Bourdieu quando colocam Bourdieu contra Bourdieu. Na minha formação, Elias é também muito importante. Como você sabe, eu sou flamengo e a minha língua materna é o holandês. Na época, Elias ainda estava vivo e lecionava em Amsterdam. A escola da figuração é uma produção holandesa. Então, eu li todos os livros de Elias em holandês. Essa problemática de uma sociologia psicológica que você encontra em Lahire, vem diretamente de Elias. Elias mesmo tinha sido o assistente de Karl Mannheim em Frankfurt. Eu achava sempre que Mannheim era muito mais interessante do que Elias. Alguns anos atrás, descobri que essa noção da sociologia psicológica já existia em Mannheim, nas obras dos anos 40. Ele já tem uma sociologia do indivíduo. Na coletânea *Essays on Sociology and Social Psychology* tem uma subseção com dois textos que se chama “sociologia psicológica”. Quando você vai ler estes textos e percebe que naquele mesmo momento Elias estava trabalhando na sua teoria, você vê a matriz do seu pensamento. Como já disse anteriormente, a sociologia do indivíduo de Lahire é uma hipersociologia que simplesmente vai estender a sociologia até o *inconsciente* pra colonizar a mente. Contra a sociologia do indivíduo, minha sociologia existencial frisa os limites de uma hipersociologia do indivíduo. Quando Lahire vai dizer no primeiro capítulo de seu livro sobre as dobras do social que tem que tratar a individualização como uma questão de metodologia, ele evacua de maneira bem polêmica a história do indivíduo e recusa a reflexão sobre a ontologia do presente²⁶. Porém, quando vamos olhar para o homem plural como um catálogo de disposições e historicizá-lo, vemos que a descrição de Lahire não é meramente metodológica, mas é também histórica. A partir dos anos 80 ou 90, o que era excepcional na pesquisa de Bourdieu – o *habitus* clivado, fraturado etc. – se torna regularidade, “a exceção virou a regra”. Temos que ler Lahire contra ele mesmo e ver que o homem plural – e a mulher plural também, que ele nunca menciona – é exatamente o mesmo indivíduo que Ulrich Beck estava descrevendo na sua teoria da individualização. Às vezes, temos que ler os autores contra eles mesmos e, nesse caso, é muito claro: Lahire precisa ler seu objeto historicamente, não apenas metodologicamente, como ele faz.

26 LAHIRE, Bernard. *Dans les Plis Singuliers du Social*. Paris: La Découverte, 2013.

Rodrigo Vieira de Assis: *Recentemente você ministrou um curso sobre o que chamou de sociologia existencial²⁷. Nele, você refletiu sistematicamente sobre categorias, processos e conceitos como indivíduo, existência, identidade, self, reflexividade, individualismo, transcendência etc. Eu não fiz o curso, infelizmente, mas queria muito tê-lo feito. Imagino que você trilhou um percurso de discussões por meio de diferentes tradições da filosofia e da sociologia, como a fenomenologia, o existencialismo e as teorias disposicionalistas da ação. Quais são os elementos fundamentais da sociologia existencial?*

Frédéric Vandenberghe: Voltando para a existência, meu intuito era o de tentar explorar, entre outras coisas, os limites da sociologia. Me inspirei em um texto de Peter Berger que tinha lido ainda na graduação sobre o determinismo e o problema da liberdade²⁸. Com ele, é possível perceber que mesmo que muitos elementos estejam circunscritos à ciência, há também limites à própria ciência: o que está “fora” da ciência é exatamente onde se encontra a existência. Para pensar a existência, a autonomia e a autenticidade do indivíduo, com sua capacidade de criar algo de novo, uma criatividade singular que pode, como diria Hannah Arendt, começar uma nova sequência causal e introduzir uma nova sequência causal no mundo. Essa liberdade é algo que me interessa e a ciência por definição não pode pensá-la, mesmo que a atividade da ciência sempre pressuponha a liberdade. Então, o que me interessava era exatamente o que a sociologia não podia pensar, mas que sempre pressupõe: uma existência que é muito mais densa do que simplesmente um indivíduo, que é visto como um ator e, portanto, como uma parte intrínseca do social. Este curso sobre a sociologia existencial partiu do existencialismo, mas não do existencialismo francês – quando era mais jovem, li Sartre e Camus e escutava também Joy Division, mas agora não tenho mais essa tonalidade –, mas o existencialismo alemão, especialmente Martin Heidegger, Karl Jaspers e Paul Ricœur. E o que eu queria fazer era uma leitura sociológica do existencialismo alemão para poder pensar a existência e, com isso, simplesmente introduzir a temática da existência dentro da sociologia. O que aconteceria com o problema entre agência e estrutura se tentássemos colocar a questão entre a existência e a estrutura ou entre a existência e a cultura? Essa foi a pergunta e acho que ela muda todo o jogo. A existência é um pressuposto da ciência que a ciência não pode captar. A existência é a vida mesma. E, como dizem aqui no Brasil, a vida não cabe no Lattes. É a mesma coisa com a ciência. A existência é vivida de dentro, é algo que nós não captamos, nem com uma sociologia

27 A disciplina intitulada Sociologia Existencial foi oferecida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ) no segundo semestre de 2017. O objetivo central do curso era discutir, por meio de um entrelaçamento dos contributos da filosofia existencial alemã e da sociologia francesa do indivíduo, as condições de possibilidade de uma vida autêntica na contemporaneidade, bem como dos seus significados no âmbito da individualidade no atual estado da vida societária. Para uma visualização detalhada da bibliografia do curso, os/as leitores/as podem visualizar o programa completo por meio do seguinte endereço de acesso: < <https://goo.gl/GdnC41> >

28 BERGER, Peter; KELLNER, Hansfried. Sociological Interpretation and the Problem of Freedom. *In: Sociology Reinterpreted: An Essay on Method and Vocation*. Harmondsworth: Penguin, 1981. p. 91-121.

interpretativa. Também estava pensando sobre a existência como base vivida de um ativismo existencial que seria ao mesmo tempo pessoal e político. Porque perante as mudanças estruturais e civilizacionais dos últimos anos, pensar a volta para algo que é mais profundo, que tem a ver com a escolha de formas de vida, de modos de ser, de existir, de estar no mundo. Essa política da vida é muito mais radical. Em tempos de crise precisamos de um ativismo existencial para poder mudar não somente a sociedade, a cultura, mas também a pessoa. Como dizia Roy Bhaskar: a única coisa que podemos transformar agora, aqui, somos nós mesmos. Para não cair num pessimismo, que é claro que tenho, e poder manter apesar de tudo um certo otimismo – diria antropológico – precisamos de fé humanista, senão o mundo se torna cada vez mais parecido ao mundo que a teoria crítica apresentava nos anos 1930 e 1940, um mundo cinza.

Rodrigo Vieira de Assis: *Fred, você é um tipo de arquiteto da teoria social que consegue ver as bases, os pilares, as colunas de sustentação, as texturas e as fissuras dos edifícios teóricos. Grande parte dos seus escritos não tratam apenas de um tema ou um conceito, mas lidam com a obra completa de um autor. Eu sempre percebo uma atitude de reconstrução, com intenção pedagógica, inclusive, para quem quiser entender como foi construído um determinado esquema teórico tomado, por você, como objeto de reflexão. Com sua experiência, como você visualiza as tendências mais fortes da produção teórica nas ciências sociais atualmente? É possível deduzir para onde a sociologia está caminhando?*

Frédéric Vandenberghe: Eu trabalho as teorias dos outros. Faço reconstruções e testo as suas arquiteturas. Como todos os meus predecessores, reorganizo as teorias dos outros e tento assim, com modéstia, construir a minha. Junto as minhas pequenas ideias às grandes ideias dos outros. É assim que a teoria se faz. Muitas vezes me perguntei por que mudo de tema e troco de autores. Isso me dá muito trabalho. De fato, a minha unidade de análise não é um texto, não é um capítulo, não é um livro, mas são as obras completas. Nesses últimos anos, como resultado do curso de estudos exemplares²⁹, vejo que também gosto de fazer análise de livros. Mas a ideia de fazer a reconstrução das teorias dos outros significa, sim, olhar para a sua arquitetura. Faço leituras a partir de conceitos, fazendo genealogias, construindo mapeamentos, propondo possibilidades. Para entender uma teoria, tem que identificar as influências que a subjazem e ver as escolhas que foram feitas por quem a elabora. Falamos muito de Bernard Lahire nessa entrevista e, de fato, a teoria dele é muito boa, mas veja o que acontece quando realizamos uma leitura diferente, por exemplo, como disse, uma leitura mais histórica, na qual o patrimônio de disposições passa por

²⁹ Estudos Exemplares é uma disciplina tradicional e obrigatória criada no antigo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), hoje Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), instituição em que Vandenberghe foi pesquisador e professor ao longo da última década. A disciplina é ofertada para os doutorados em Sociologia e em Ciência Política do Instituto e se organiza em torno de uma bibliografia considerada indispensável para as duas áreas. As obras, escolhidas anualmente pelo corpo docente, são estudadas e resenhadas pelos discentes ao longo do primeiro semestre letivo da formação avançada.

uma tematização histórica de um novo tipo de subjetividade na modernidade tardia. Quando se faz essa leitura, a partir de uma outra filosofia da ação e de uma outra antropologia filosófica, é possível incorporar modelos e ideias para construir aos poucos uma outra teoria do indivíduo, do sujeito, da existência. Neste sentido, acho que o trabalho fundamental diante da teoria é o de ver a confluência de ideias, tentando mapeá-las e sistematizá-las, para constatar as escolhas feitas na construção teórica. Assim, quem sabe, é possível refazer o mesmo caminho de maneira dialógica e, a partir de dentro, encaminhar outras direções. A reconstrução, neste sentido, não é somente reconstrução de ideias, mas também reconstrução para reorientar a teoria a partir do seu interior. Passando da reconstrução da teoria à reconstrução das sociedades, diria que a minha concepção da reconstrução é uma tentativa de não se desesperar perante a situação que estamos vivendo, que realmente é bastante crítica, para tentar introduzir, nas visões mais profundas do tipo de homem e do tipo de humanidade que estão sendo construídas, outras tonalidades que possam contribuir para transformar o que pode ser transformado³⁰. Com a força da esperança dos desesperados, tento sempre manter as teorias abertas.

Rodrigo Vieira de Assis: *Só uma última pergunta para finalizar. Hoje, aqui na sua apresentação na Anpocs, você falou sobre um trabalho monumental, que redundará em um livro, a ser feito nos próximos anos, cujo caráter principal me parece mais claro com o sentido dessa resposta anterior. Se entendi bem a sua apresentação, você propõe uma reconstrução da teoria social capaz de reestruturar o ensino da teoria sociológica contemporânea. Para isso, você intenta não só uma atualização temporal, mas também uma atualização do ethos de trabalho diante das teorias. Para finalizarmos, você poderia fazer uma breve síntese deste próximo trabalho?*

Frédéric Vandenberghe: Em um livro que fiz com Alain Caillé, o fundador do Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais (o M.A.U.S.S), propusemos uma reconstrução da teoria sociológica contemporânea³¹. A nossa ideia é que temos que ao mesmo tempo reconstruir as ciências sociais e as sociedades. A tarefa é monumental e não pode ser realizada pela sociologia apenas. É preciso recompor as ciências sociais. Propusemos uma nova síntese das ciências sociais, da filosofia moral e política e também dos chamados Estudos Culturais, de Gênero, de Governamentalidade etc. Então, a ideia é repensar novas alianças entre filosofia, sociologia, antropologia e também as novas disciplinas, que se localizam fora da sociologia e pensam o social sem passar pela sociologia e seus clássicos. Nesse sentido, o que acho produtivo, para mim mesmo, é pensar o fim da sociologia. Não faço isso de uma maneira polêmica. Não quero dizer “a sociologia acabou”, mas pensar o que seria uma ciência social geral que faz o que precisar fazer

30 Cf. VANDENBERGHE, Frédéric. Epílogo – Da Hipercrítica à Reconstrução. In: **Pós-Humanismo ou a Lógica Cultural do Neocapitalismo Global**. São Paulo: Annablume, 2017. p. 135-158.

31 CAILLÉ, Alain.; VANDENBERGHE, Frédéric. **Pour une Nouvelle Sociologie Classique**. Lormont: Le bord de l'eau, 2016. Cf. igualmente CAILLÉ, Alain.; CHANIAL, Philippe.; DUFOIX, Stéphane. (org.). **Des Sciences Sociales à la Science Sociale**. Fondements Anti-Utilitaristes. Lormont: Le bord de l'eau, 2018.

para pensar o presente, o que significa refletir o presente considerando o passado para construir um outro futuro, um futuro possível. Então, essa provocação que faço pra mim mesmo é de colocar a sociologia, como diria Derrida, “*sous rature*” [sob rasura] – pensar com a sociologia e com todos os seu conceitos: sociedade, indivíduo, Estado, família... sabendo muito bem que esses conceitos não funcionam mais. Essa ideia também era muito forte em Ulrich Beck. Temos que sacudir os conceitos e a história herdada e buscar, de maneira experimental, saídas. A sociologia tal como está segue fazendo o seu trabalho, mas “sacudindo minimamente” seremos obrigados, na verdade, a pensar um pouco fora das “caixinhas”, algo necessário porque pensar fora das “caixinhas” é essencial para compreender sociedades que estão hoje fora dos trilhos. Dessa maneira, para terminar mais uma vez com o meu grande mentor, o Habermas, assistimos a um espetáculo desolador: sociedades inteiras estão fora dos trilhos, onde tudo se parece com um suicídio coletivo. Exatamente quando falamos em algo como suicídio coletivo, que temos a urgência em construir os nossos conceitos. É dessa maneira que teremos uma análise clara e dura do presente, sem esquecer de trabalhar as nossas categorias fundamentais, tais como ação, interação e mudança social, para que o pessimismo do presente não esteja antecipadamente estabelecido em nossos pressupostos metateóricos e filosóficos. É um pouco nessa direção que o meu trabalho vai seguir nos próximos anos.

Rodrigo Vieira de Assis: *Você sabe que continuarei lendo seus trabalhos e estarei ansiosamente esperando pelos seus próximos escritos. Saiba que, enquanto você tem no Habermas a figura de um mentor, já ocupas este lugar em minha própria trajetória. Muito obrigado, Fred, por essa intensa, porém sensível, entrevista.*

Recebido em: 15/02/2019

Aceito em: 15/02/2019